



Medicina Veterinária do  
Coletivo-UFPR



PROJETO **MEDICINA  
VETERINÁRIA  
DE ABRIGOS**



## **MONITORAMENTO PÓS-ADOÇÃO EM ABRIGOS DE CÃES E GATOS**

### **INTRODUÇÃO**

A adoção responsável é uma das estratégias para reduzir a densidade populacional de animais em situação de rua e reintroduzi-los de forma segura na sociedade (GARCIA, CALDERÓN e BRANDESPIM, 2019). As elevadas taxas de abandono de cães e gatos mantêm uma demanda constante de animais a serem admitidos em abrigos, muito maior que a taxa de saída, representada pela adoção (GARCIA, CALDERÓN e BRANDESPIM, 2019). Isso se deve à falta de conscientização da população quanto ao crime de abandono e maus-tratos, aliado muitas vezes à impunidade (EVANGELISTA et al., 2015), e tutela irresponsável pelos tutores.

Animais que foram adotados também estão sujeitos ao reabandono ou renúncia da tutela através da devolução à instituição. Essas ações ocorrem pela ruptura ou não criação do vínculo humano-animal por diversos motivos. É essencial entender os principais motivos que levam a devolução de animais adotados para saber como prevenir tal ato. Comportamentos indesejados são os mais citados em situações de retorno ao abrigo, principalmente relacionados a agressividade (ALVES et al., 2013; POWELL et al., 2021), e situações envolvendo membros da família, sobretudo crianças, além de outros animais da casa (PAPLOSKI et al., 2012). Outros comportamentos não tolerados são o destrutivo, latidos excessivos e hiperatividade (MONDELLI et al., 2004). Ainda relacionado aos animais, especificamente cães, o crescimento além do esperado também tem forte influência para abdicação da tutela. Entre os motivos relacionados ao tutor, estão a alergia a pelos, relacionada principalmente a gatos, a falta de tempo para cuidados com o animal, que também pode ser

entendido como estilo de vida, e, por fim, a falta de espaço (POPLOSKI et al., 2012).

O conhecimento das razões da devolução de cães e gatos adotados são importantes aspectos a serem conversados durante o aconselhamento pré-adoção, para que a família interessada em adotar seja previamente conscientizada da responsabilidade da tutela de um animal e não crie expectativas errôneas sobre o animal e seu comportamento. De forma complementar, deve ser realizado o acompanhamento pós-adoção para auxiliar em dificuldades que possam ocorrer no período de adaptação e evitar a renúncia da tutela do animal. O monitoramento é importante pois sabe-se que os tutores que recebem conselhos comportamentais são menos propensos a renunciar e abdicar da adoção do animal do que aqueles que não recebem nenhum suporte, e, dessa forma, é uma estratégia chave para reduzir a taxa de abandono e devoluções aos abrigos (MARSTON e BENNET, 2003; FATJÓ et al., 2015).

## **MONITORAMENTO PÓS-ADOÇÃO**

Entrar em contato com os adotantes de forma proativa e frequente evita que dificuldades no período de adaptação se tornem motivos para devolução pois, de forma geral, os tutores evitam ou adiam o contato com a instituição até que a situação seja insuportável (REIDER, 2015).

Não há um protocolo que define a frequência e a maneira que o acompanhamento pós-adoção deve ser realizado. Em uma visita, é possível visualizar o ambiente em que o cão ou gato está inserido e como é sua relação com os membros da família. Em casos nos quais o monitoramento é realizado de forma presencial, por conversa telefônica ou aplicativos de comunicação, é importante ter uma conversa objetiva e não agressiva, e que seja agradável para o tutor. Dialogar de forma inquisitória, pode fazer com que a pessoa se sinta intimidada e não queira mais responder as perguntas, impedindo a continuidade do acompanhamento e a quebra do vínculo com a instituição.

No entanto, considerando a realidade dos abrigos brasileiros em relação as condições financeiras e de colaboradores disponíveis, de forma geral, o

monitoramento presencial geralmente se torna inviável e de difícil execução. Como alternativa, é possível realizá-lo de forma digital através de questionários *on-line*, mensagens de voz ou texto por aplicativos de conversa ou, ainda, por ligação telefônica. Todos os meios não presenciais podem ter como apoio o envio de fotos e vídeos por *e-mail* ou aplicativo de conversa. O questionário digital é uma das ferramentas mais rápidas e fáceis de serem enviadas e respondidas, além de ser uma forma adequada para coleta de dados. Formulários com questões sobre a adaptação ao novo lar podem ser enviados via *e-mail* ou, também, por aplicativos *on-line* de conversa. Um *e-mail* aparenta ser menos pessoal que uma ligação telefônica, mas pode ser o mais adequado para abrigos que possuem recursos e colaboradores limitados. Outra alternativa, é associar o meio eletrônico ao telefonema (REIDER, 2015).

A frequência de contato também não tem uma determinação única. Cada abrigo pode construir o seu programa de acompanhamento de acordo com a disponibilidade dos colaboradores e as experiências que terão ao longo do tempo. Há estudos que comprovam que os animais adotados são devolvidos durante o primeiro mês de adoção, principalmente entre a primeira e segunda semana (DIESEL et al., 2008; POWELL et al., 2022). Portanto, é importante ter o primeiro contato logo nos primeiros dias. Uma opção de monitoramento é a “Regra 3-3-3, na qual o contato com os adotantes é realizado após 3 dias, 3 semanas e 3 meses da adoção. Porém, deve-se ter um contato mais próximo ou mais prolongado em casos de animais que já apresentem comportamentos indesejados ou animais com doenças pré-existentes. Para filhotes, também é recomendado que seja feito o monitoramento após 6 e 9 meses de adoção, período considerado de um cão adolescente com maior propensão a comportamentos indesejados (MOULTON, 2003; RESCUEDOGS101, 2017).

Para a elaboração do questionário de acompanhamento pós-adoção, uma dica é utilizar como base os “Cinco princípios básicos para uma adoção bem-sucedida” (MOULTON, 2003):

1. A combinação entre o animal e a família será adequada;
2. O animal receberá cuidados veterinários;
3. As necessidades comportamentais e sociais do animal serão supridas;

4. O animal estará em um ambiente habitável, o que inclui comida, água, abrigo, entre outros fatores, adequado a sua espécie;
5. O animal será respeitado e valorizado.

A realização das mesmas perguntas em todos os contatos é interessante para verificar se houve mudanças de respostas, tanto positivas quanto negativas, ao longo do tempo. O modelo de questionário de monitoramento pós-adoção apresentado na Figura 1 abaixo é uma opção de escolha para ser utilizado no processo de monitoramento da adoção, além de servir como base para a criação de um questionário próprio de cada instituição

Figura 1. Modelo de questionário de monitoramento pós-adoção.

**QUESTIONÁRIO DE MONITORAMENTO PÓS-ADOÇÃO**

*Olá (nome do adotante), como está?*

*Há alguns meses você adotou um animal com a ONG (nome da ONG) e ficamos muitos felizes!*

*Nos conte como está sendo a convivência com o seu novo amigo preenchendo o formulário. O preenchimento do formulário dura cerca de 15 minutos e é muito importante para que possamos saber como o/a (NOME DO ANIMAL) está e te auxiliar no que for possível!*

  

<p><b>1. Você é o tutor do animal?</b></p> <p>a- Sim.</p> <p>b- Não. Especifique: _____</p> <p>_____</p> <p><b>2. A interação entre você, sua família e o animal está sendo positiva?</b></p> <p>a. Sim.</p> <p>b. Não. Por qual motivo? _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p><b>3. Você ou outro membro da família pratica alguma atividade rotineiramente com o animal, como passeios e brincadeiras?</b></p> <p>a. Sim. Qual? _____</p> <p>_____</p> <p>b. Não.</p> <p><b>4. Quantas vezes o seu animal é levado para passear por dia? Qual tipo de coleira é utilizada durante o passeio?</b></p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p><b>5. Desde o último contato, seu animal desenvolveu alguma alteração comportamental? (marque mais de uma opção, se necessário)</b></p> <p><input type="checkbox"/> Não.</p> <p><input type="checkbox"/> Agressividade com pessoas;</p> <p><input type="checkbox"/> Agressividade com animais;</p> <p><input type="checkbox"/> Hiperatividade;</p> <p><input type="checkbox"/> Destruição de objetos;</p> <p><input type="checkbox"/> Destruição do jardim;</p>	<p><input type="checkbox"/> Necessidade fisiológicas (urina e fezes) em local inadequado;</p> <p><input type="checkbox"/> Medo;</p> <p><input type="checkbox"/> Fugas;</p> <p><input type="checkbox"/> Latido/choro excessivo;</p> <p><input type="checkbox"/> Outros: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p><b>6. Qual o tipo de alimentação que você está ofertando para seu animal?</b></p> <p>a. Comida</p> <p>b. Ração. Informar nome/marca: _____</p> <p>_____</p> <p>c. Comida misturada na ração.</p> <p><b>7. Quantas vezes ao dia o animal recebe alimentação?</b></p> <p>a. 1 vez.</p> <p>b. 2 vezes.</p> <p>c. 3 vezes.</p> <p>d. 4 vezes.</p> <p><b>8. O animal tem acesso a água livremente?</b></p> <p>a. Sim.</p> <p>b. Não. Justifique: _____</p> <p>_____</p> <p><b>9. Onde o animal dorme durante a noite?</b></p> <p>a. Dentro de casa, em uma caminha para ele.</p> <p>b. Junto com um dos familiares.</p> <p>c. Fora de casa.</p> <p>d. Fora de casa em uma casinha.</p>
--	---

10. Onde o seu animal é deixado quando fica sozinho em casa?

- a. Solto na casa.
- b. Restrito a certas áreas da casa. Qual?  
\_\_\_\_\_
- c. Fora da casa. Onde? \_\_\_\_\_

11. Durante o dia, o animal tem um local para se abrigar e se proteger em dias muito quentes, frios ou com chuva?

- a. Sim. Cite o local: \_\_\_\_\_
- b. Não. Por qual motivo? \_\_\_\_\_

12. Você procurou ajuda profissional para solucionar o comportamento indesejado?

- a. Sim. Qual? \_\_\_\_\_
- b. Não. Justificar: \_\_\_\_\_

13. Desde o último contato, seu animal se manteve saudável?

- a. Sim.
- b. Não. Especifique: \_\_\_\_\_

14. Foi necessário levar o seu animal para uma consulta médico-veterinária?

- a. Sim. Justifique: \_\_\_\_\_
- b. Não. Justifique: \_\_\_\_\_

15. Em caso de resposta positiva para a questão anterior: finalizou corretamente o tratamento instituído pelo médico-veterinário?

- a. Sim.
- b. Ainda está em tratamento.

- c. Não. Por qual motivo? \_\_\_\_\_

16. Por fim, nos envie um vídeo por **WhatsApp** dizendo a data em que está filmando e o animal adotado. Ex: *Olá eu sou a/o (SEU NOME), hoje é dia (xx/xx/xxxx) e esse é o (NOME DO ANIMAL) que adotei com vocês!*

17. Você tem alguma dúvida ou reclamação? Conte para nós!

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

Fonte: equipe da Medicina Veterinária do Coletivo da Universidade Federal do Paraná (UFPR) (2022).

O modelo apresentado acima também pode ser encontrado através do QR code abaixo.



QR code com o modelo de questionário de monitoramento pós-adoção apresentado na Figura 1.

Durante o monitoramento, os tutores terão dúvidas, tanto comportamentais, quanto médicas. Desse modo, a instituição deve estabelecer como irá suprir essa demanda. Um ponto crucial, é definir se será mais custoso para o abrigo aceitar a devolução do animal e arcar novamente com os custos de sua manutenção, ou disponibilizar algum tipo de suporte gratuito ou com valores reduzidos considerando, principalmente, tutores hipossuficientes economicamente (DIESEL et al., 2008). Dentre as opções seriam: consultas ou parcerias com profissionais clínicos e comportamentalistas, aulas coletivas para treinamento, orientações realizadas por colaboradores por telefone ou através de material impresso ou digital (NEIDHART e BOYD, 2002; DIESEL, 2008; RIDER, 2015).

A adoção de animais é uma das principais estratégias para reintroduzi-los na sociedade e reduzir a população presente em abrigos e em situação de rua. No entanto, os animais que foram adotados também estão sujeitos ao abandono ou a renúncia da tutela, especialmente devido a manifestação de comportamentos indesejados e desconhecimento sobre seus comportamentos e necessidades básicas. Por isso, é essencial e primordial que a instituição responsável pela adoção do animal determine dentro de sua política interna o monitoramento pós-adoção de forma permanente, seja presencial ou virtual, especialmente no início da convivência. Há várias estratégias que podem ser utilizadas para esse processo, sendo a metodologia apresentada com base no questionário *on-line* abrangendo as 5 (cinco) liberdades do bem-estar animal e a frequência da Regra do 3-3-3. Entretanto, cada abrigo deverá avaliar a melhor metodologia de acordo com a sua realidade, recursos humanos e financeiros.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. S.; GUILOUX, A. G. A.; ZETUN, C. B.; POLO, G.; BRAGA, G. B.; PANACHÃO, L. I.; SANTOS, O.; AUGUSTO DIAS, R. Abandono de cães na América Latina: revisão de literatura. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 11, p. 34-41, 2013.

DIESEL, G.; PFEIFFER, D.; BRODBELT, D. Factors affecting the success of rehoming dogs in the UK during 2005. **Preventive Veterinary Medicine**, v. 84, p. 228–241, 2008.

EVANGELISTA, A. G.; SANTOS, A. C. R.; THOMSEN, I. C.; GARCIA, S. L.; PACHECO, G. S.; BORTOLI, K. N.; RYBANDT, R.; MARSON, E. P. Projeto Adoção Animal IFC: Incentivando a Prática da Adoção de Cães e Gatos Abandonados - Resultados Preliminares. *In: V Evento de Pesquisa e Extensão*, Instituto Federal Catarinense, 2015.

GARCIA, R. C. M.; CALDERÓN, N.; BRANDESPIM, D. F. **Medicina veterinária do coletivo: fundamentos e práticas**. 1. ed, São Paulo: Editora Integrativa Vet, 2019.

FATJÓ, J.; BOWEN, J.; GARCÍA, E.; CALVO, P.; RUEDA, S; AMBLÁS, S.; LALANZA, J. F. Epidemiology of dog and cat abandonment in Spain (2008–2013). **Animals**, v. 5, n. 2, p. 426-441, 2015.

MARSTON, L. C.; BENNETT, P.C. Reforging the bond—Towards successful canine adoption. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 83, p. 227–245, 2003.

MONDELLI, F.; PREVIDE, E. P.; VERGA, M.; LEVI, D.; MAGISTRELLI, S.; VALSECCHI, P. The bond that never developed: Adoption and relinquishment of dogs in a rescue shelter. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, v. 7, p. 253–266, 2004.

MOULTON, C. Report on Adoption Forum II. ASPCA Pro. Arizona, jan. 2003. Disponível em: [https://aspcapro.org/sites/default/files/adoption-forum\\_0.pdf](https://aspcapro.org/sites/default/files/adoption-forum_0.pdf). Acesso em: 23/05/2022.

NEIDHART, L.; BOYD, R. Companion animal adoption study. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, v. 5, n. 3, p. 175-92, 2002.

PAPLOSKI, I.A.D.; BABBONI, S. D.; GONZÁLEZ, G. K.; GIAROLA, R. M.; RODRIGUES, S. A.; CERQUEIRA, A. T. A. R.; PADOVANI, C. R.; VICTÓRIA, C.; MODOLO, J. R. Características dos adotantes de cães na área urbana de Botucatu. **Veterinária e Zootecnia**, v. 19, n. 4, p. 584-592, 2012.

POWELL, L.; REINHARD, CL.; SATRIALE, D.; MORRIS, M.; SERPELL, J.; WATSON, B. Characterizing unsuccessful animal adoptions: Age and breed predict the likelihood of return, reasons for return and post-return outcomes. **Scientific Reports**, v, 11, p. 1–12, 2021.

POWELL, L.; REINHARD, C. L.; SATRIALE, D.; MORRIS, M.; SERPELL, J.; WATSON, B. The impact of returning a pet to the shelter on future animal adoptions. **Scientific Reports**, v. 12, p. 1-7, 2022.

REIDER, L. M. Adopter support: using postadoption programs to maximize adoption success. In: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H.; Zawistowski, S. **Animal Behavior for Shelter Veterinarians and Staff**. Iowa: Wiley Blackwell, p. 292-357, 2015.

RESCUEDOGS101. From Rescue to Home: Your Survival Checklist. 2017. Disponível em: <https://www.rescuedogs101.com/bringing-new-dog-home-3-3-3-rule/#3-3-3-rule>. Acesso em: 23/05/2022.